

Reencarnação e o judaísmo de Flávio Josefo como instrumentos hermenêuticos para entender a pseudepigrafia apocalíptica¹

Vicente Dobroruka

Professor de História Antiga, Universidade de Brasília

Doutorando em Teologia, Wolfson College, Oxford

Quando se pensa na idéia de reencarnação, ainda que nos termos mais simples e próximos do senso-comum, algumas premissas básicas parecem indissociáveis de quaisquer raciocínios mais sofisticados: podemos resumi-las em cinco aspectos essenciais.

1. Os espíritos dos mortos (ou dos ainda não nascidos) têm existência efetiva;
2. Os vivos possuem meios para contatá-los;
3. Esse contato é lícito, ainda que não necessariamente meritório (isso irá depender da natureza das partes envolvidas, em especial do espírito que se deseja manipular);
4. A existência dos espíritos e as mensagens que eles comunicam aos vivos constituem prova da imortalidade da alma;
5. Os relatos dos espíritos com relação ao item anterior mostram um Além em que as categorias de Céu e Inferno tendem a ser algo móveis, quando não completamente relativizadas pelo conceito de reencarnação.

Dessas cinco afirmativas as últimas quatro podem ser consideradas anátema para os judeus do período do Segundo Templo, como seriam para quase todos os cristãos posteriormente. Isto não impediu que se falasse de uma passagem do AT que poderia ter sido psicografada (2Cr 21:12 ss.), mas trata-se de um caso excepcional e controverso² e que não comprova que a manipulação do espírito dos mortos fosse uma idéia viável para os judeus que viram o surgimento e desenvolvimento da apocalíptica. Mesmo um herói apocalíptico como Enoch, que vai ao Além e volta (p.ex. 1En 94; 2En 43) não pode ter

¹ As citações bíblicas foram tiradas da *Bíblia de Jerusalém* (São Paulo: Edições Paulinas, 1985), as de pseudepígrafos da edição de James Charlesworth (*The Old Testament Pseudepigrapha*. New York: Doubleday, 2 volumes. 1983-1985) e as de Josefo da edição da Loeb Classical Library.

² Para comentários detalhados sobre a passagem e seus problemas, cf. Raymond B. Dillard. *2 Chronicles*. Word Biblical Commentary. Waco: Word Books, 1987. P.167; Frank E. Gaebelien (ed.). *The Expositor's Bible Commentary*. Grand Rapids: Zondervan, 1988. P.507); Jacob M. Myers. *II Chronicles*. New York:

sido quem escreveu o relato - supondo que este tivesse algum tipo de experiência religiosa durante a redação, ou mesmo que tivesse algum tipo de ralação privilegiada com Enoch.

A idéia de que espíritos tenham uma existência relativamente autônoma e interativa com os vivos (da qual a psicografia, ou escrita automática de natureza espiritual seria apenas um caso particular de manipulação) é inviável no judaísmo rabínico, como era nos textos do AT e no judaísmo do Segundo Templo em geral. Isso não impediu que eventualmente a idéia de reencarnação se tornasse parte do *mainstream* do pensamento judaico pelo final do séc.XVII³. Os estudiosos modernos são praticamente unânimes em rejeitarem a presença do conceito antes da Idade Média, no *Sefer ha-Bahir*⁴. Ainda assim as fontes talmúdicas talvez mencionem a doutrina da reencarnação - nunca em termos de louvor, é claro, e muitas vezes de modo confuso e enviesado⁵.

As passagens talmúdicas que mostram conhecimento do conceito de metempsicose são *Sabbath* 152b e *Eccles R.3.21* (na qual os espíritos são sacudidos para cima e para baixo, o que sugere transmigração)⁶. *San.* 109a afirma que os homens de Babel foram transformados em macacos, espíritos e demônios.

*Orígenes menciona o tema com freqüência, e é difícil imaginar que ele tenha escapado do olhar dos rabinos. Que Simai e outros estivessem conscientemente pensando em transmigração não posso sugerir. Mas os pontos de vista que eles expressam podem lhes ter sido comunicados por diversos canais, a partir de pessoas que acreditavam na transmigração*⁷.

Essas referências, tardias, escassas e confusas, tornam-se ainda mais irrelevantes quando comparadas com a clareza de passagens em que qualquer transferência do poder

Doubleday, 1965. Pp.121-122. Cf. ainda Wilhelm Rudolph. "Problems of the Books of Chronicles" in: *Vetus Testamentum* 4, 1954 e Simon J. Vries. *1 and 2 Chronicles*. Grand Rapids: Eerdmans, 1989. P.333.

³ Sobre o tema ver a tese recente de Dina R. Eylon. *Reincarnation in Jewish Mysticism and Gnosticism*. Lewiston / Lampeter: Edwin Mellen Press, 2003.

⁴ Eylon, op.cit. p.45.

⁵ Possivelmente o primeiro estudioso a notar isso foi Herbert Loewe, ainda nos anos 30 do século XX. Cf. Claude G. Montefiore e Herbert Loewe (eds.). *A Rabbinic Anthology*. London: Macmillan, 1938, especialmente as notas das pp.660-666. Loewe rastreia o uso equivocado do termo hebraico *mitgalgulin* ("rolar") relacionado a *gilgul* ("transmigração", i.e. metempsicose) no Talmud de Jerusalém *Ket.* 12.3 f35b, linha 13; *Ket.* 111a - "R. Simai disse, o Santíssimo, bendito seja, irá escavar [BURROW] a terra diante deles, e seus corpos irão rolar pela escavação como garrafas, e quando chegarem à terra de Israel suas almas lhes serão reunidas". A discussão relativa à passagem é longa, mas Loewe e Montefiore concordam que o uso correto do conceito de metempsicose no pensamento judaico começa apenas com Saadiah (excluindo, portanto, Josefo).

⁶ Montefiore e Loewe, op.cit. p.663.

⁷ Id. ibid.

divino quanto ao número e destino de almas mostra-se impossível. Destas, uma das mais importantes é uma passagem do *Apocalipse siríaco de Baruch*, 2Br 21:9-11:

Pois apenas Vós podeis sustentar aqueles que existem, os que se foram e os que virão [...] Pois sois o Único vivo, o Imortal e o Inescrutável, e sabeis o número dos homens [...]

Is 57:16 e o tratado *Yevamot* 62a do Talmude da Babilônia falam também do número fixo de almas criado por Deus:

[...] Com efeito, não contenderei para sempre, nem estarei perpetuamente encolerizado, pois à minha presença desfaleceria o espírito, a alma que criei.

[...] R. Huna disse: Ele cumpriu [a obrigação de propagar a raça tendo filhos, mas antes de tornar-se um prosélito] por conta [de que ele segue a tradição] de R. Assi. Pois R. Assi disse: o Filho de David não virá antes de todas as almas no Guf⁸ terem tomado um rumo [...]

Essas citações bastam para evidenciar que, para o período do Segundo Templo, a crença na reencarnação estava longe de ser comum, se é que ela tenha ocorrido de modo consistente a algum autor judeu da época⁹. A noção judaica de ressurreição apresenta um conjunto próprio de problemas, que talvez se relacione ao ideário grego relativo à reencarnação; essa discussão relaciona-se de modo especial a Josefo, como veremos.

Com relação a outras fontes possíveis, nenhuma passagem bíblica é convincente como fonte para a doutrina da reencarnação entre os judeus do período do Segundo Templo. As referências, quando existem, são escassas e oblíquas. Com frequência Sl 90:3-6, Pr 8:22-31; Jr 1:4-5; Ecl 1:9-11 e Js 24:3 são citadas como “evidência” bíblica para a reencarnação, mas nenhuma é convincente para o propósito¹⁰.

Um problema associado ao da reencarnação é o da possível origem grega do tema da ressurreição dos mortos. Que esta idéia (juntamente com a da punição e recompensa no

⁸ A região habitado pelas almas dos ainda não-nascidos.

⁹ Cf. Eylon, op.cit. p.53 ss.; E.C. Porter. “The pre-existence of the soul in the *Book of Wisdom* and in Rabbinic writings” in: *American Journal of Theology* 12, 1908. Pp.58-113 e George W. Nickelsburg. *Resurrection, Immortality and Eternal Life in Intertestamental Judaism*. Cambridge (Mass.) / London: Harvard University Press / Oxford University Press, 1972.

¹⁰ Joseph Head e Sylvia L. Cranston (eds.). *Reincarnation in World Thought*. New York: Julian Press, 1967. Pp.83-84. Mas cf. Leon Nemoy. “Biblical quasi-evidence for the transmigration of souls” in: *Journal of Biblical Literature* 59: 159-168, 1940 para o aparecimento do tema no chamado *Códice de al-Qirqisānī*, uma fonte caraíta. A presença do conceito de reencarnação em fontes judaicas tardias como essa tem sido

Além) seja tardia ninguém questiona - provavelmente não é de origem semítica, tampouco. A maior parte dos estudiosos desde o princípio do séc.XX considera a noção de ressurreição dos mortos como resultado da influência iraniana, mas a análise de Isidore Lévy vai noutra direção, propondo que não apenas a idéia de ressurreição (aqui variação da reencarnação) é tardia, mas que mesmo Dn 12:2 são interpolações tardias, herodianas¹¹.

Um quadro bem diverso emerge do testemunho de Josefo, ao menos aparentemente. Diversas passagens do historiador evidenciam conhecimento claro do conceito de reencarnação. Uma das mais importantes é BJ¹² 2.162¹³, embora numa estranha conexão doutrinal com o farisaísmo:

Toda alma, eles [os fariseus] afirmam, é imperecível, mas somente a alma dos bons passa a outro corpo.

Informação semelhante encontra-se em BJ 3.374 e em CA 2.218:

Não sabeis que aqueles que deixam a vida em conformidade com as leis da natureza e pagam o empréstimo recebido de Deus, quando Ele que emprestou achar por bem cobrar, obtém reconhecimento eterno; suas casas e famílias estão seguras, suas almas, imaculadas e obedientes, recebem os lugares mais santos no Céu, de onde, na revolução dos tempos, retornarão para encontrar nova habitação em corpos castos?

A menção à “corpos castos” é um problema específico de tradução, pois **agnoj** é melhor traduzido como “sagrado”¹⁴.

E em CA 2.218:

Não; cada indivíduo, confiando no testemunho de sua própria consciência e na profecia do legislador [Moisés], confirmado pelo testemunho seguro de Deus, está

atribuída à influência do pensamento árabe (cf. Carra de Vaux. “Tanāsukh” in: *Encyclopedia of Islam*. IV, 648-649).

¹¹ *La légende de Pythagore de Grèce en Palestine*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1927. P.247.

¹² Abreviatura utilizada para as obras de Josefo: BJ = *Guerra dos judeus*, AJ = *Antigüidades judaicas*, CA = *Contra Apião*, V = *Autobiografia*.

¹³ Deve-se lembrar que mesmo autores antigos conheciam a distinção entre metempsicose e palingenesia: Sêneca, por exemplo (*Cartas* 108.19) exhibe um ponto de vista semelhante ao de Pitágoras, alternando o movimento entre cada corpo (**metemyukwsij**) com interlúdios no submundo (**pal iggenesia**). A terminologia usada por Josefo claramente aproxima-se mais da última, embora não tenhamos como saber se ele estava consciente das sutilezas relacionadas a este vocabulário específico do tema.

¹⁴ Steve Mason. *Flavius Josephus on the Pharisees: a Composition-Critical Study*. Leiden / New York / Kobenhavn / Köln: Brill, 1991. P.166.

firmemente persuadido de que, para aqueles que observam as leis e, se for o caso, morrem por elas, de espontânea vontade, Deus garantiu uma existência renovada e, na revolução dos tempos, o dom de uma vida melhor.

Uma outra variação da idéia aparece em BJ 7.185, ainda que de modo menos explícito:

[...] os chamados demônios - noutras palavras, os espíritos dos perversos que entram nos vivos e os matam a menos que seja fornecida ajuda - são imediatamente expelidos por esta raiz [...]

Surpreendentemente, pouco se atentou para essas passagens de Josefo. A melhor análise é a de Steve Mason, que muito clarificou os usos e mal-entendidos da idéia de reencarnação em Josefo¹⁵.

Em termos de vocabulário, Josefo mostra-se notavelmente próximo de Platão em seu uso de termos ligados à reencarnação; este último não fala de **pal iggenesiã** mas **pal in gignesqai** ocorre no *Meno* 81.b5 e no *Fédon* 70.a8 e 72.a8¹⁶. Em Josefo **pal iggenesiã** e **ahabitwsij** parecem equivalentes: assim, em AJ 18.14,

Eles [os fariseus] acreditam que as almas têm o poder de sobreviver à morte e que existem recompensas e punições sob a terra¹⁷ para aqueles que viveram na virtude ou no vício: prisão eterna é a sorte das almas ruins, enquanto as almas boas recebem uma passagem fácil para uma nova vida.

Na verdade a idéia de paraíso não é incompatível com a de reencarnação: em Josefo a referência à nova vida restringe-se aos justos, e desse modo pode ser entendida como uma espécie de paraíso. Mostra-se incrivelmente semelhante à perspectiva de Dn 12 e suas promessas de recompensa ou punição eternas, na carne, para bons e maus respectivamente.

Deve-se lembrar ainda que nunca existiu uma doutrina grega unificada acerca da reencarnação que Josefo pudesse ter conhecido: mas quando ele fala de reencarnação em *um* corpo apenas, e somente para os justos, ele pode estar interpretando ressurreição como o modo especificamente judaico de pensar a reencarnação¹⁸. Deve-se ainda ter em mente

¹⁵ Op.cit. Cf. em especial o capítulo 6 do livro de Mason.

¹⁶ Idem, p.163. Das 399 referências a **pal iggenesiã** localizadas no *Thesaurus Linguae Graecae* (TLG), nenhuma se refere a Platão.

¹⁷ Uma idéia que pode ter sido inserida por seu uso corrente junto ao público grego.

¹⁸ Idem, pp.169-170. A idéia de que a reencarnação é uma espécie de exílio para as almas dos justos encontra paralelo em Filon, *De gigantibus* 2 ss.

que Josefo podia estar tentando impressionar uma audiência grega nas passagens, argumentando que as diferenças sectárias entre os judeus eram semelhantes às diferenças entre as escolas filosóficas gregas. Essa parecença é admitida explicitamente na V 12¹⁹:

Estando agora em meu décimo-nono ano comecei a governar minha vida pelas regras dos fariseus, uma seita com pontos de contato com a escola que os gregos chamam de estóica.

Em suma, a evidência de Josefo sobre a crença na reencarnação entre os fariseus é importante e não pode ser omitida. O vocabulário é muito semelhante a passagens gregas que tratam do mesmo tema (na verdade, **paliggenesia** e **anhabiwsij** parecem intercambiáveis em Josefo, como vimos - cf. AJ 18.14 e CA 2.218)²⁰. Com tudo isso, é razoável concluir que Josefo sabia do que estava falando, e que implicações teológicas suas exposições sobre o conceito tinham. Ao mesmo tempo, o modo como ele discute o assunto alinha-se mais com o pensamento apocalíptico do que com as doutrinas gregas correntes, tal como exposto em Dn 12: ao falar de reencarnação em apenas um corpo Josefo repete o tema da ressurreição dos mortos. Menos clara é a irrelevância da referência daniélica ao tormento eterno dos perversos por parte de Josefo.

Não podemos ter certeza se o uso do vocabulário grego de Josefo relativo à reencarnação revela a mão de um secretário ou de um revisor: mas pode ser o caso, já que as idéias de Josefo (por oposição ao seu vocabulário) mostram-se mais próximas dos conceitos judaicos de ressurreição do que dos gregos de reencarnação. De todo modo, enquanto que a análise vocabular mostra que metempsicose, palingenesia e conceitos semelhantes estavam, em princípio, acessíveis aos judeus do período do Segundo Templo - pelo menos acessíveis a Josefo - o seu uso não implica em similaridades com o pensamento grego, nem significa que a idéia de reencarnação constituísse tema comum em círculos judaicos, mesmo nos apocalipses (onde a idéia de ressurreição manifestou-se pela primeira vez no pensamento judaico, em Dn 12).

¹⁹ AJ 15.371 toca no mesmo tema ao argumentar que os essênios seguiam os ensinamentos pitagóricos.

²⁰ Mason, op.cit. p.164.